

LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS NA ESCOLA INDÍGENA TENGATUI MARANGATÚ

Noemi Francisco
Emislene Mariano

RESUMO: Este trabalho tem o intuito de apresentar o desenvolvimento do projeto de extensão intitulado “Leitura e Escrita na Escola”, coordenado pela professora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, Sandra Espíndola e executado na Escola Municipal Indígena Tengatuí Marangatu “, localizada na aldeia Jaguapirú na Reserva Francisco Horta Barbosa em Dourados/MS. O projeto nasceu a pedido da própria escola, numa tentativa de suprir lacunas deixadas pelas séries anteriores, por isso é oferecido a alunos do 3º ano das séries iniciais ao 6º ano do ensino fundamental, atendendo três etnias: Guarani-Nhandeva, Guarani-Kaiuí e Terena. Um grupo constituído de três bolsistas indígenas (todas de etnia Terena) que trabalham aos sábados pela manhã, com metodologia diferenciada, organizam, sistematizam e executam o projeto, partindo sempre do texto: leitura, interpretação, questões gramaticais, ortográficas, produção de texto, reestruturação e correção coletiva. Os recursos também são vários: projetor de slides, música, teatro de fantoches, contação de histórias, textos digitados e disponibilizados pelas extensionistas, sempre com o respaldo da coordenadora do projeto.

PALAVRAS-CHAVE: educação intercultural, ensino, aprendizagem.

Atualmente, parte dos problemas existentes na comunidade da aldeia Jaguapiru, se dão nas diferenças étnicas dos grupos e nas questões territoriais, que perpassam a escola da aldeia.

As tensões na comunidade fomentam vivências entre os jovens das etnias guarani Nhadeva, Kaiová e Terena, agravando fatores como violência, alcoolismo, drogas.

Observando essas relações, refleti sobre o currículo da escola, e o desafio de construir um conhecimento em arte que possibilitasse a reflexão crítica sobre o contexto cultural da comunidade, e que atendesse perspectivas das três etnias presente no 9º ano do ensino fundamental de 2008. Segundo relata o RCNEI que arte deve permitir aos alunos uma compreensão da multiplicidade das manifestações artísticas e culturais, tomando como ponto de partida a realidade dos alunos e de outras culturas indígenas e apresentando a eles conhecimento de outras manifestações artísticas de outros povos.p.304.

Para esta construção, refleti sobre os conhecimentos ocidentais importantes na construção do diálogo com a sociedade envolvente, para a construção de projetos futuros.

Procurei planejar uma prática que não consistisse apenas na representação dos elementos simbólicos da cultura através de desenhos, mas que buscasse uma análise crítica.

Propus na ementa do componente curricular de artes, o conteúdo sobre o movimento artístico europeu Realismo, pensando em estabelecer com os alunos um diálogo com o contexto real da comunidade, ligando o realismo do século XIX com a vivência atual na aldeia no sec. XXI.

Através do movimento artístico proposto, os alunos representaram seu olhar crítico sobre os fatos que eles vivenciam na aldeia.

Observei que os alunos refletiram sobre tais representações, expressando a necessidade de dialogar sobre a construção de um espaço onde suas reflexões pudessem ser ouvidas.

O olhar crítico que os alunos apresentaram na produção dos desenhos mostrou ao abordar o tema a preocupação que eles tem com o espaço que transitam.

Através desta prática refleti sobre a construção das identidades étnicas, e como os desenhos dos jovens representaram de forma clara o contexto atual da comunidade indígena de Dourados, da aldeia jaguapirú.

Diante desta experiência busquei refletir como a escola pode transformar tais relações e ser um espaço de diálogo das diferenças.

Á partir destas vivências comecei a observar que, alguns alunos guarani nhadeva e kaiowá, mesmo se identificando como etnias diferenciadas, se agrupavam quando necessário.

Estes alunos eram integrantes de um grupo de dança rap na escola. E procuravam dialogar com a comunidade educativa através da linguagem corporal, na busca de um espaço para se expressarem.

O grupo de rap, retratava através das letras de suas músicas aspectos da cultura, descrevendo sonoramente e corporalmente as relações sócio-culturais na comunidade.

Estes jovens guarani nhandeva e kaiova procuravam chamar atenção para os acontecimentos da aldeia, e através de suas letras demonstravam que estavam conscientes do que estava acontecendo a sua volta.

Sendo para eles a música um caminho de transformação para a reflexão e busca de melhorias de vida, estes jovens se apropriaram desta linguagem com o objetivo de se expressarem criticamente sobre a realidade.

A partir das discussões territoriais discutidas na sala de aula, a comunidade educativa refletiu sobre a prática do grupo de rap, que começou a interagir com ele, proporcionando sua expressão nos espaços da escola, externo e interno na sala de aula.

As letras das músicas deles que eram produzidas em língua guarani começaram a ser trabalhadas na sala de aula no componente curricular de Língua Portuguesa.

Observei também que os jovens da etnia terena deste 9º ano de 2008, também estavam na busca de um espaço para expressarem suas considerações culturais.

No ano letivo de 2009 com a chegada dois professores terena da região de Aquidauna e Dois Irmãos do Buriti, que assumiram as aulas de arte e língua terena, e se proporem a construir um trabalho em dança com os alunos terena, observei que os alunos estavam estimulados a participarem devido o interesse de mostrar que também possuíam identidade.

Observei a preocupação deste grupo de jovens terena em revitalizar seus costumes tradicionais na escola Tengatui Marangatu .

No dia 19 de abril de 2009, foi realizada a primeira apresentação de dança do grupo de alunos Terena juntamente com seus professores Terena na escola Tengatui Marangatu, realizaram alguns passos da dança, pois ainda estavam em fase de aprendizado sobre os passos da dança e a história da dança Terena.

Foi um momento muito importante para etnia Terena no espaço escolar, penso então como se constitui o fortalecimento étnico dos grupos.

Reflico sobre o papel da escola e o currículo que ela possibilita, enquanto projeto futuro e a construção do conhecimento para os indivíduos que nela estão. Uma escola com experiências inovadoras e auxiliando na construção do processo histórico dos povos indígenas. Atualmente a realidade de grande partes das escolas indígenas é procurar construir um espaço onde os alunos possam interagir com seu universo e com outras manifestações externas. A conquista dos povos indígenas por um ensino específico e diferenciado faz com que a realidade seja trazida para sala de aula para pois

a escola indígena e o lugar onde se aprende a manter e preservar suas tradições e amenizar a relação de conhecimento específico e conhecimento científico .

Tanto os alunos guarani nhandeva e caíua quanto os terenas estão conscientes que a escola é um dos ambientes que lhes proporciona essa relação intercultural e uma conquista de sua afirmação étnica.

Um dos principais objetivos ao desenvolver esta prática pedagógica foi procurar compreender o espaço que os jovens estão tentando conquistar dentro do seu grupo étnico sendo como uma das prioridades desses jovens melhorias para seu grupo e uma compreensão e organização de seus conhecimentos de contextos diferentes.

Estamos diante de uma realidade de reflexão pedagógica de construir um trabalho diferenciado e que possa atender o contexto das três etnias das aldeias de Dourados; procuro firmar este início de trabalho através desta pesquisa embasado nos conhecimentos demonstrados pelos nossos jovens alunos indígenas. Quando se trata de garantir seu território todos falam a mesma língua e possuem um mesmo pensamento. Os alunos terena estão em busca de fortalecimento cultural e os guarani nhandeva e caíua estão em busca de uma reafirmação de sua identidade étnica dentro de uma conflituosa busca de ampliação de espaço e reestruturação de seu território.

Todas as diversas formas de violências representadas pelos jovens alunos seja através de desenhos ou expressões corporais são simplesmente uma demonstração de reflexão social, uma luta por seus direitos .

O meu trabalho com esses jovens foi intermediar essa representação da realidade no qual eles estão vivenciando no momento, estabeleci uma ponte para que pudessem representar seus sentimentos através das manifestações artísticas.

Sendo a arte indígena compreendida como um campo rico em manifestações, para os jovens indígenas é o caminho mais favorável de representar seus pensamentos, o trabalho dos professores do componente curricular de artes e língua indígena na escola Tengatui Marangatu é garantir aos alunos uma compreensão dessa dimensão e preparar esses jovens alunos para lidar com essa pluralidade cultural fortalecendo seus princípios e interagindo com as demais culturas.

Favorecendo uma relação escola e comunidade é garantir com que esses jovens alunos conquistem seus objetivos e sirvam como mediadores para outros jovens indígenas, vejo o grupo de dança terena evoluir no seu aprendizado dos conceitos da dança terena, o grupo de rap crescer em suas composições e representações corporais representando futuramente uma realidade de conquistas e direitos respeitados.

Todos esses jovens estão garantidos de liberdade de expressão, fortalecido pelos seus conhecimentos e motivados a valorizar sua identidade étnica estarão cientes em preservar suas tradições respeitar seus costumes.

O trabalho pedagógico direcionado às questões da territorialidade visa construir uma prática política educacional capaz de atender aos anseios e interesses e necessidades da comunidade, sendo a escola considerada um espaço de ensino e aprendizado. A escola não deve ser vista como o único lugar de aprendizado . Também a comunidade possui

sua sabedoria para ser transmitida e distribuída por seu membros: são valores e mecanismos da educação tradicional dos povos indígenas.(RCNEIpg 23.)